

O FENÔMENO RELIGIOSO SOB A LEITURA DA PSICANÁLISE FREUDIANA

Caroline Gonzaga Torres

Freud, em seu percurso de construção da Psicanálise, além de propor algumas teorias sobre a constituição do sujeito do inconsciente, interessou-se pela relação do sujeito com os objetos do mundo externo, isto é, pelo modo como o sujeito se relaciona no campo social, incluindo as práticas religiosas. Desta maneira, o autor abriu caminho para um amplo debate entre psicanálise e religião, psicanálise e antropologia, à medida em que mostra semelhanças e diferenças entre os mitos fundadores, os sistemas religiosos e o modo como o sujeito toma para si uma posição na estrutura subjetiva.

Mesmo declarando-se publicamente como um ateu convicto, Freud manifestou grande interesse pelo estudo do fenômeno religioso e empenhou-se seriamente em empregar elementos-chave da teoria psicanalítica para interpretar as origens e a natureza da religião. Seu posicionamento, porém, diante da religião, é freqüentemente divulgado em sua forma exclusivamente crítica e negativa.

Na leitura dos principais textos de Freud sobre a religião observa-se que, além da crítica presente, neles se encontram novas perspectivas para um possível diálogo entre a psicanálise e a religião. Em *Totem e Tabu* (1913/1996) é possível encontrar esclarecimentos sobre a origem do totem e as diferentes formas de tabu.

O totem (representado por plantas, animais ou fenômeno) pode ser compreendido como instituição primitiva que deixou vestígios nas religiões, ritos e costumes dos povos civilizados contemporâneos e o tabu corresponde a prescrições rigorosas cuja violação traz sérias consequências e castigos para os membros de um grupo. No que é possível perceber, o totem define uma consanguinidade na qual se inscreve uma lei para deter o indivíduo ante o incesto. Por isso Freud (1913/1996) considera a renúncia como a base para o tabu.

Além da definição do sistema totêmico e da descrição das diversas formas de tabus, Freud, baseado em hipóteses científicas apresentadas por grandes etnólogos de seu tempo, reconstrói o mito da morte do pai primitivo e vê neste mito as origens da mais antiga forma de religião (o totemismo), bem como da moral e da vida social.

Partindo da observação da refeição totêmica, Freud (1913/1996) lança a hipótese da existência de um pai primitivo. O mito do pai primevo descreve uma situação mítica em que os filhos mataram e devoraram o pai tirânico colocando fim à horda patriarcal. Após o assassinato, os filhos rejeitaram sua ação e, logo em seguida, deram origem a uma nova ordem social na qual se configura a exogamia, renúncia à posse das mulheres da tribo, e a proibição do assassinato do substituto do pai, figura representada pelo totem. Em outras palavras, a morte do pai da horda fez surgir um ideal que corporificava o poder ilimitado do pai primevo contra quem os filhos haviam lutado, assim como a disposição de submeter-se a ele. Freud pôde constatar que este ideal seria encontrado nas religiões, em que a idéia de Deus representaria a de um pai glorificado e também afetaria as organizações sociais. Freud (1913/1996) diz que:

Embora o totem possa ser a primeira forma de representante paterno, o deus será uma forma posterior, na qual o pai reconquistou sua aparência humana. Uma nova criação como esta, derivada do que constitui a raiz de toda forma de religião — a saudade do pai — poderia ocorrer se, no decurso do tempo, alguma mudança fundamental se houvesse efetuado na relação do homem com o pai [...]. (p. 151)

Em *O Eu e o Isso* (1923/1996), este mito reaparece na constituição do sujeito da seguinte maneira: a criança, do sexo masculino especificamente, em idade precoce, desenvolve um investimento objetal pela mãe, relacionado ao seio materno, e que é o protótipo de uma escolha de objeto, o menino trata o pai identificando-se com este. Por algum tempo, estes dois relacionamentos avançam lado a lado, até o momento em que os desejos sexuais do menino em relação à mãe aumentam e o pai passa a ser percebido como um

obstáculo entre eles, fazendo surgir o complexo de Édipo. Em linhas gerais, o Édipo designa o conjunto de relações que a criança estabelece com as figuras parentais e que constituem uma rede em grande parte inconsciente de representações e afetos (KAUFMANN, 1996).

Se a morte do pai primevo faz surgir um ideal que norteia o fenômeno religioso e se atualiza na constituição do sujeito, de que maneira este mito se reflete nas organizações sociais? A teorização proposta por Freud encontra-se no texto *Psicologia de Grupo e Análise do Eu* (1921/1996), aonde o autor nos diz que existe algo mais nos agrupamentos humanos e que forças psíquicas mais poderosas atuam no sentido de manterem as pessoas unidas. Na análise da Igreja, Freud (1921/1996) cita o líder como figura idealizada pelo grupo, tendo capacidade de proteger e castigar. Os membros do grupo o colocam no lugar de ideal do eu, possibilitando a identificação entre si através do ideal que é comum a todos.

O ideal do eu se desenvolve como uma instância de referência. Freud (1921/1996) a observa como uma formação separada do eu, que torna possível a fascinação amorosa e a submissão à figura de um líder, quando este é colocado pelo sujeito no lugar de ideal de eu. Sendo assim, é o líder-herói que dá ao grupo a sua identidade e suas feições, imprimindo a sua referência, assemelhando-se, também, à figura paterna.

Considerando que o fenômeno religioso se organiza de forma tal a possibilitar um agrupamento de pessoas, permitindo, assim, relacionamentos entre os homens, Freud (1929/1996), no texto *O Mal-Estar na Civilização*, apresenta sua concepção da condição humana, que busca felicidade e prazer ainda que esteja em contradição com as restrições impostas pela cultura, partindo de uma análise acerca da religiosidade. Neste sentido, Freud (1929/1996, p.74-75) elabora uma hipótese de que o sentimento religioso seja derivado de um sentimento primário de eu, que “aparece como algo autônomo e unitário, distintamente demarcado de tudo o mais”. Entretanto, essa aparência do eu é enganadora, pois o eu é

continuado para dentro, sem qualquer delimitação clara, por uma instância mental inconsciente que é denominada de *Isso*, a qual o eu serve de fachada.

Como Freud (1929/1996, p.77) retoma, “originalmente o eu inclui tudo; posteriormente, separa, de si mesmo, um mundo externo”. O sentimento primário do eu permanece em maior ou menor intensidade, co-existindo com um eu que consegue se separar do mundo externo. Sendo assim, o sentimento oceânico, de ilimitabilidade, que tudo abrange, proporcionado pela religião, pode ter sua origem nesse eu primário.

O sentimento, segundo Freud (1929/1996), só pode ser fonte de energia caso ele mesmo seja a expressão de uma intensa necessidade. Reforça, então, a sua hipótese de que a religião seria oriunda da necessidade do indivíduo em se relacionar com o pai, ou seja, seria uma reedição do sentimento de desamparo infantil. A religião seria explicitada pela necessidade inconsciente de uma proteção e balizamento das ações e procedimentos pessoais contra o destino que é desconhecido. O autor defende que as idéias religiosas seriam uma espécie de defesa para o eu diante dos perigos que o mundo externo pode oferecer.

No que se refere às idéias religiosas, Freud investigou sua natureza no texto *O Futuro de uma Ilusão* (1927/1996), com o objetivo de compreender a função das crenças religiosas no psíquico humano e de que modo as religiões são capazes de apreender a realidade.

Nesta obra, Freud ressalta a natureza da religião, bem como mostra o que ela pretende fazer pelos seres humanos: oferecer informações sobre a origem e a existência do universo, garantir proteção e felicidade nos diversos momentos da vida e dirigir os pensamentos e ações dos humanos, que se estabelecem com toda sua autoridade. Para o ser humano, a vida é difícil de suportar, pois o sofrimento, segundo Freud (1929[1930] /1996), ameaça os homens a partir de três direções: do próprio corpo, do mundo externo e, por último, dos relacionamentos com os outros homens.

Para tornar o desamparo tolerável, o ser falante criou um conjunto de idéias construídas com o auxílio das lembranças do desamparo da infância. Essas idéias o protegem em duas direções: contra os perigos da natureza e do Destino; e contra os danos que o ameaçam por parte da sociedade.

Tudo que acontece aos homens, neste mundo, vai se configurar como manifestação da inteligência de um ser superior; inteligência esta que ordena tudo para melhor. Sobre cada humano existe uma Providência bondosa que só aparentemente é severa e que não irá consentir que o humano se torne um brinquedo para as forças poderosas e impiedosas da natureza. Dentre essas forças, podemos destacar a própria morte, que não é percebida como uma extinção, mas sim como o começo de uma nova espécie de existência que se acha no caminho da evolução.

Freud declara que estas idéias religiosas passaram por um longo processo de maturação e se configuram como uma necessidade de defesa psíquica por serem da ordem das ilusões, “realizações dos mais antigos, fortes e prementes desejos da humanidade” (FREUD, 1927/1996, p. 39).

O autor ressalva, contudo, que a religião é apenas mais uma etapa do processo evolutivo humano, mas não descarta as vantagens que a doutrina religiosa traz para vida comunal do homem, como a possibilidade de refinamento e sublimação das idéias que tornam possível para ele livrar-se da maioria dos resíduos oriundos do pensamento primitivo e infantil. Ele afirma que o homem, quando exposto a situações de perigo ou quando se percebe apenas um juguete das forças da natureza ou do destino, tende a se amparar na busca de uma proteção divina e, nesse sentido, paterna.

Constituindo ilusões, as idéias religiosas são indiferentes à efetividade. É função da religião impedir o caos e exercer um rigoroso controle social mediante normas, regras e hierarquias. Estes mecanismos estabelecem estruturas rígidas de proibição e intolerância.

Baseia-se na sacralização de um objeto, utilizando-se da necessidade de proteção do homem. É enquanto regulação e controle que as interdições sociais são sacralizadas adquirindo mais força.

Verifica-se na leitura de determinadas obras da psicanálise freudiana que este autor compreende a religião, a civilização e a moralidade como advindas do complexo paterno, de uma reedição do sentimento de desamparo infantil. Para tanto, uma espécie de defesa do eu opera e resiste à exigência do mundo externo pela renúncia de satisfação pulsional, fazendo com que o humano reaja ao desamparo que ele tem que reconhecer; esta reação é, justamente, a formação da religião. Para Freud, é à semelhança do pai que os homens constroem para si os seus deuses, dotados de um poder superior e extremamente benevolentes.

BIBLIOGRAFIA

FREUD, S. Totem e Tabu (1913) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v.13. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ Psicologia de Grupo e Análise do Eu (1921) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ O Eu e o Isso (1923) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v.19. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ O Futuro de uma Ilusão (1927) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ O Mal-estar na Civilização (1929) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v.21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KAUFMANN, P. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: O legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

SOBRE A AUTORA

Caroline Gonzaga Torres. Psicóloga. Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).